

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Precos da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º
	36 n.**	18 n. **	9 n.**	entrega
Portugal (franco de porte, m. forte) Possessões ultramarinas (idem) Extrang, (união geral doscorreios)	9,8800 48000 58000	1,5900 2,5000 2,500	895.0	8120 -5- -5-

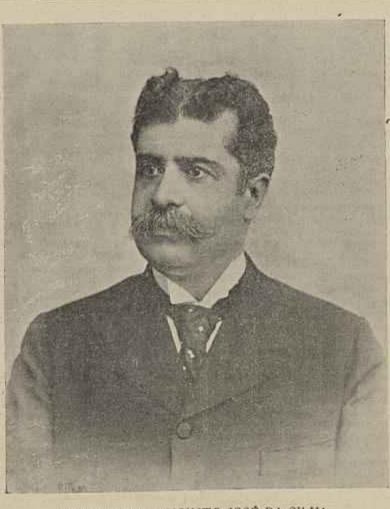
26.° Anno — XXVI Volume — N.° 868

10 DE FEVEREIRO DE 1903

Redacção - Atelier de gravura - Administração

Lisbon, L. do Poço Novo, entrada pela T. de Comento de Jeme, 4 OFFICINA DE IMPRESSÃO - RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do sen importe, e dirigidos à administração da Empreza do Oc-cidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.



CONSELHEIRO AUGUSTO JOSÉ DA SILVA DIRECTOR DA ALFANDEGA DE LISBOA

National Committee of the Committee of t *************************

CHRONICA OCCIDENTAL

Realisou-se ha dias nas salas da Sociedade de Geographia a inauguração do congresso maritimo, cujas sessões diariamente continuaram e em que foram apresentados trabalhos de alta importancia.

Sabbado realisou-se na Avenida Palace o jan-tar offerecido aos delegados dos conselhos regionaes e juntas locaes que concorreram ao con-

Presidiu ao banquete o sr. conselheiro Julio de Vilhena, presidente da Liga Naval, que, erguendo o primeiro brinde a El-rei e á familia real portugueza, fez o elogio do sr. ministro da marinha e dos srs. Villaça e Ferreira do Amaral, pelo muito que lhes deve a reviviscencia das nossas colonias. Respondeu lhe o sr. Teixeira de Sousa e não deixou, depois de referir-se aos seus amigos, de louvar o trabalho d'um inimigo seu político o sr.

Eduardo Villaça. E, durante o jantar, tudo assim foi: paz e con-

Tinha de ser, que de paz e concordia se fala agora em todo o mundo. Espera se que cedo ter-mine a guerra civil em Marrocos e que tomem melhor direcção os negocios da Venezuela e a questão do Acre entre as republicas do Brazil e da Bolivia

Já se vê que ceo purissimo como o de manhã de abril, sem pelo menos um cirrusinho branco la muito em cima, isso é utopia que nem o impe-rador da Russia nem a encantadora rainha Guilhermina se atreveram sequer a sonhar nas me-lhores horas de muito boa esperança.

Diz-se que a nuvemzinha está apparecendo lá para os lados da Macedonia.

Até os escandalos ha uns dias que nos deixam em relativa tranquillidade. Uma vez por outra, surge nos perdido na columna d'um jornal um telegrammasinho de quatro linhas sobre Madame Humbert ou alguma noticia já sem interesse so-bre a antipathica Princeza de Saxonia e seu não menos antipathico mano Leopoldo. Diz-se que mr. Giron ja marchou para a Belgica. Esta serenidade em que vivemos ha dias só tem seus inconvenientes para os chronistas. Suc-

cede até por vezes que elles põem por causa d'um ratinho a montanha fazendo estrondo como se fosse a Martinica ou o Vesuvio.

De paz e concordia falámos; com uma e outra

fará sua entrada D. Affonso XIII em Portugal, apesar d'uns boatos que correram baixinho de complicações em Hespanha a proposito das pescarias no Algarve.

Corre sereno o tempo e até nas ruas, já tão pro-ximo do carnaval, podemos passear ou ir a nos-sos negocios com a maior tranquillidade. Não sei se em parte devemos o beneficio que usufruimos aos distinctos jornalistas que se lembraram de civilisar o entrudo; mas se assim foi, honra lhes seja.

Que tormento que era d'antes a feroz mania dos penachinhos que nos obrigava a andar pela rua, sempre d'olho álerta, aos zigue zagues, por moços que doiam e os espelhinhos que nos ce-

A alegria propria do tempo vae agora toda pe-los theatros, pelos concertos que teem sido fre-quentes, pelas soirées que tem sido animadas.

Deu o theatro de S. Carlos uma opera nova, fez no Gymnasio o Joaquim d'Almeida seu bene-ficio, tivemos nova revista na Rua dos Condes, deu nos o theatro de D. Maria dois originaes por-tuguezes. Era o primeiro assignado por Fausto tuguezes. Era o primeiro assignado por Fausto Guedes l'eixeira, o grande poeta da geração no-va; com o outro fez sua estreia Jorge Santos, que no Crime de Amor revelou querer tomar a arte a serio.

Fala-se agora de muitos bailes de mascaras, de recitas particulares, de mascaradas pelas ruas, muito mais até que de política, apesar de algu-mas sessões interessantes que tem havido nas duas camaras.

De alguns discursos ainda falaremos que não foram ouvidos em nenhuma das salas do parlamento, mas na sala da Sociedade de Geographia, quando ali se realisou a sessão solemne comme-

morativa do 104.º anniversario do nascimento de Almeida Garrett. Presidiu o sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, servindo lhe de secretario o sr. Alber-

Orou primeiro Alexandre Braga, que fez o elo-gio de Almeida Garret, prestando-lhe a homena-gem de seu respeito e amor.

Alberto Bramão recitou uma poesía expressa-mente escripta para aquelle acto. O sr. Zeferino Candido leu um extenso discurso, terminando por lembrar que tardia era a justiça que se fazia a Garrett levando-o para o Pan-theon, divida que se completaria prestando a mes-ma homenagem às cinzas de Castilho, visto lá se acharem as de Herculano. Assim o mesmo templo abrigaria a trindade egregia a quem deve Por-tugal o renascimento das suas letras, ao lado do definitivo estabelecimento da sua liberdade que a todas tres inspirou e que todos serviram de modo para sempre memoravel.

Falou em ultimo logar o sr. Conde de Valenças, agradecendo a todos que haviam cooperado para o bom exito d'aquella sessão, a todos fazendo seu elogio.

Todos os oradores foram muito applaudidos.

A sessão terminou pelo agradecimento que a todos o sr. presidente dirigiu.

E'innegavelmente obra patriotica a que foi tentada por estes senhores. E' do programma dos fundadores da sociedade o por todas as formas a seu alcance espalhar o conhecimento da grande obra de Garrett ainda de muitos portuguezes to-talmente ignorada. Foi Garrett um grande artista amador de quanto era arte, e um grande patriota amando entranhadamente a sua terra. A todos será util a lição de seus livros, a muitos devemos consideral a indispensavel. consideral-a indispensavel.

Isto mesmo pensei ao ler um d'estes dias a noticia de que as camaras municipaes de Grandola, Rio Maior, Alemquer, Moncorvo, Carregal do Sal, Vallongo, Cuba, Pampilhosa, Reguengos de Mon-saraz e Bragança haviam mudado para o de Almeida Garrett os nomes de algumas ruas ou pra-

meida Garrett os nomes de algumas ruas ou praças.

E' assumpto de que, por mais d'uma vez, aqui
tenho falado. Agora falara Garrett com alguns
trechos das Viagens na minha terra.

«Pegue qualquer na bella chronica d'el-rei D.
Fernando..... chegue-me a Santarem, descance
e ponha-se-me a ler a chronica; vera se não é
outra coisa, vera se deante d'aquellas preciosas
reliquias, ainda mutiladas, deformadas como ellas
estão por tantos e tam successivos barbaros, estragadas emfim pelos peiores e mais vandalos de tragadas emfim pelos peiores e mais vandalos de todos os vandalos, as auctoridades administrati-vas e municipaes do feliz systema que nos rege, ainda assim mesmo não vé erguer-se deante de seus olhos os homens, as scenas dos tempos que foram; se não ouve falar as pedras, bradar as ins-cripções, levantar-se as estatuas dos tumulos; e reviver-lhe a pintura toda, reverdecer-lhe toda a poesia d'aquellas edades maravilhosas l»

Mais adeante diz:

·As ruinas do tempo são tristes mas bellas, as que as revoluções trazem ficam marcadas com o cunho solemne da historia. Mas as brutas degredações e as mais brutas reparações de ignorancia, os mesquinhos concertos da arte parasyta, esses profanam, tiram todo o prestigio.»

Mais adeante, no mesmo livro, ergue-se contra os padres-conscriptos de Santarem, que tencio-navam demolir a porta de Artamarma por onde entrou na villa D. Affonso Henriques, e verte la-

grimas sobre a infelicidade d'aquella terra. Almeida Garrett amava como artista e como patriota quanto em nossa terra lembrava um facto da sua historia, uma lenda que fesse. Um nome pode valer um monumanto. Se em seu tempo já houvesse dado o sestro nos vereadores, como contra elles Garrett se ergueria como o fez em Santarem contra as mãos profanas que tocavam nas ruinas sagradas !

Se querem provar a Garrett muito respeito,

leiam-lhe primeiro a obra. Tomáramos nos que em homenagem ao auctor das Viagens, puzessem outra vez o nome de Chia-do na rua Garrett. Seus ossos estariam em seu caixão decerto menos incommodados.

Nenhum preito se pode prestar maior a um grande vulto do que provar-lhe que para siguma

coisa sua obra serviu.

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

CONSELHEIRO DR. AUGUSTO JOSÉ DA SILVA

O nome illustre que toma hoje o primeiro lon'esta secção, pertence ao de um funccionario distincto, honesto e probo, a quem estão con-fiados grandes interesses do Estado, e cujo zelo e tacto administrativo teem sido provados brilhantemente nos dois annos que completou já da sua nomeação para director da alfandega de Lisboa. Nascido em Ancião em 7 de julho de 1850, é formado pela escola medica de Coimbra, onde

concluiu o curso em 1873, deixando na súa car-reira de estudante affirmados em diplomas honrosissimos, não só os elevados dotes intellectuaes com que a natureza o privilegiara, mas ainda a persistente dedicação ao estudo, que aos 23 an-nos o tornava apto para o exercício d'uma das carreiras mais nobres e mais trabalhosas dos nos-

Em 1883, por decreto de 23 de outubro, foi no meado sub-chefe da fiscalisação maritima da Alfandega de Lisboa, e n'esse cargo, investido de attribuições que o obrigam a uma orientação ex-cepcional, accentua-se o funccionario zeloso e activo, prestando tão importantes serviços que em 1886 é nomeado chefe do serviço da mesma casa fiscal, sendo-lhe concedida em 1887 a carta de conselho em reconhecimento aos seus incon-

testaveis talentos e aptidões.

Em 29 d'agosto d'esse anno e chamado a fazer parte da commissão encarregada de escolher local para o interposto commercial livre de Lisboa e formular regulamentos fiscaes do referido servico, trabalhos em que mais uma vez affirmou a sua elevada competencia e o conhecimento vasto da nossa legislação aduaneira.

Por portaria de 11 de dezembro de 1899 foi o st. conselheiro Augusto José da Silva nomeado para ir ao estrangeiro colher elementos que servissem de bases á remodelação geral do expe-diente das alfandegas portuguezas, e em especial do funccionamento dos armazens geraes, fazendo parte como membro e presidente de muitas outras commissões de serviço em que sempre pa-tenteou a par d'um grande zelo um caracter li-dimo, uma intelligencia lucida e um profundo saber da complicada engrenagem aduaneira.

Com tão provados dotes, com tão experimen-tada competencia, estava naturalmente indicado o sr. conselheiro Augusto José da Silva para director da Alfandega, e essa nomeação confirmada em 29 de dezembro de 1900, foi recebida por en-tre vivas manifestações de sympathia de todo o pessoal da Alfandega, indo ao seu gabinete feli-cital-o não só os funccionarios aduaneiros, com residencia em Lisboa, como tambem as auctoridades civis, o alto commercio, muitos industriaes,

officines do exercito, etc.

Durante os dois annos que o sr. conselheiro Augusto José da Silva tem occupado a suprema direcção dos trabalhos da nossa primeira casa fiscal, nem um só dos seus subordinados tem del-xado de fazer justiça aos seus actos, em que se primeira revela sempre o mesmo funccionario cuidadoso, o mesmo caracter recto e disciplinador, como deve ser quem tem de attender a tantos interesvariados, salvaguardando acima de tudo as

receitas do Estado.

Uma das qualidades que mais distinguem o sr. conselheiro Augusto José da Silva é a fidalga attenção que a todos dispensa, a amavel gentileza como a todos recebe, o que o torna querido e ado-rado por tal forma, que, se elle tivesse de aban-donar a gerencia d'aquella casa fiscal, a sua falta seria sentida não só moral e economicamente, mas do affecto que todos lhe consagram.

A NGVA CAMARA DOS DEPUTADOS

Concluimos hoje a nossa serie de gravuras iniciada no n.º 867, destinadas a tornar conhecidas dos que pessoalmente não as podem apreciar toessas bellezas de architectura com que a arte acaba de ser enriquecida entre nos, e ás quaes um artista portuguez deixa vinculado o seu nome em caracteres de ouro,

Teem aqui tambem logar merecido os retratos dos srs. Teixeira Lopes e José Moreira Rato, pe-los trabalhos primorosos de esculptura que teem na sala da camara dos senhores deputados, bem como os dos dois architectos auxiliares srs. An-tonio do Couto e Adolpho Marques da Silva, que alguma parcella de gloria lhes cabe no trabalho do sr. Ventura Terra.

Com estes artistas, pois, fica completo o nosso registro no que respeita a tão monumental as-

TEIXEIRA LOPES

É ja conhecido dos nossos leitores, porém não nos deviamos esquivar ao prazer de enfileirar o seu retrato na galeria artistica de que estamos tratando, e onde Teixeira Lopes occupa um dos

logares mais proeminentes.

A Viuva, A Rainha Santa, A Historia e tantos outros trabalhos que assignalam a sua individualidade artistica, tornam-no um vulto de tal gran-deza na estatuaria, que falar d'elle é repetir tudo quanto de bello já se tem dito por esse mundo

fóra, onde tem chegado o prestigio do seu nome.

Todos os trabalhos que saem da sua mão são
primores d'arte, dignos da admiração e do applauso unanime dos que sabem comprehender que ha de grandioso na interpretação da natureza e de que talento é preciso ser-se possuidor para o manifestar no molle de granito, que elle torna humano na expressão sentida da tristeza, que é o cunho delicado da sua notavel organisação de

Os trabalhos com que Teixeira Lopes collabo-rou na decoração da sala da camara electiva, es-tatua de El rei D. Carlos e o grupo alegorico que se ve em cima, dão altissimo relevo e harmonisam com o conjuncto magestoso da notavel obra do sr. Ventura Terra.

JOSÉ MOREIRA RATO

É discipulo da Academia de Bellas Artes onde se matriculou no curso geral de desenho em 1873. obtendo accessit no primeiro anno e o premio pecuniario de 20,7000 no 4º anno, curso espe-cial de esculptura, tendo a medalha de ouro com a prova final, Spartano armando-se para o combate.
Foi seu primeiro professor o sr. Alberto Nunes,

concluindo o curso sob a direcção do sr. Victor Bastos. Em Paris fez os seus estudos com os me-lhores esculptores d'aquelle tempo, completando-os com extraordinario aproveitamento.

Em junho de 1880 entrou no concurso para ad-missão na escola de Bellas Artes de Paris, praticando no atelier de mr. Dumont e frequentando

a escola de 1880 a 1882. Tendo já obtido a medalha de ouro na exposiindustrial portugueza do Rio de Janeiro em 1878 com a sua estatueta em gesso O gaiato, foi na escola de Paris premiado com quatro medalhes de prata e uma menção honrosa, estudando depois fora da escola com os estatuarios mrs.

Thomaz e Gautherin.

No Salon, em 1885, expozuma estatua em gesso «Cain» premiada com menção honrosa, de volta a Lisboa e por encommenda do Estado executou essa mesma estatua em marmore, para o Museu

Nacional de Bellas Artes.

Obteve egualmente as medalhas de 2.º e 3.º classe e a medalha de prata na exposição indus-trial portugueza de 1888 por diversos trabalhos expostos na Sociedade Promotora.

Entre muitas obras que tem produzido lembra-nos citar: o busto de Sua Magestade a Rainha D. nos citar: o busto de Sua Magestade a Rainha D. Amelia, para S. Pedro do Sul; «A Infancia de Vasco da Gama» em marmore para a sr.º duqueza de Palmella; «A Historia (marmore), para a sala das sessões da Camara Municipal de Lisboa; o «Mausoleu Sobral» para a Guarda; os bustos de Joaquim Lopes, coronel Galhardo, dr. Cunha Belem (bronze) e Luciano Cordeiro em marmore para a Sociedade de Gasararbia est. a Sociedade de Geographia etc.

obra sua o bello grupo alegorico decorativo da tribuna diplomatica da nova sala da Camara

dos srs. Deputados.

MARQUES DA SILVA

Adolpho Antonio Marques da Silva nasceu em Lisboa em 17 de novembro de 1870 Matriculou-se na Escola de Bellas Artes de Lisboa onde concloiu o curso de architectura civil no anno de 1898, sendo duas vezes premiado com medalhas de prata, e o curso geral de desenho em que foi tres vezes premiado com medalhas de prata. Cursou além d'isso o Instituto Industrial de

Lisboa para complemento dos seus estudos de

architecto.

Entrou ao serviço das Obras Publicas, em 1898, como architecto em tirocinio, auxiliando o sr. P dro d'Avila no projecto de restauração da Escola de Bellas Artes de Lisboa, e o sr. Domingos Parente da Silva nos trabalhos preparatorios para o projecto de restauração da Se Patriarchal de Lisboa, tendo em seguida trabalhado nas obras da Escola Medica.

Alem de varios trabalhos foi depois collaborador desde 1900, nos estudos do projecto e execu-ção da Sala dos Passos Perdidos, na obra de re-construcção da camara dos senhores deputados. Entrando no concurso aberto em dezembro de 1901, para duas vagas de architecto de 3 º classe do quadro do ministerio das obras publicas, foi classificado em terceiro logar.

ANTONIO DO COUTO

Sendo alumno da Casa Pia, Antonio do Couto fez ali todos os preparatorios, entrando ao tempo da provedoria do sr. Simões Margiocni, e por ini-ciativa d'este illustre funccionario, para a Academia de Bellas Artes, onde cursou a especialidade de architectura civil, terminando os seus estudos em 1899 e obtendo a maior distincção que ali se confere na ultima prova do seu curso.

Ainda durante os estudos foi admittido nos tra-

balhos de reconstrucção da camara dos senho-res deputados, onde actualmente se encontra co-mo architecto em tirocínio

Na exposição promovida pela Sociedade Nacional de Bellas Artes foi premiado com uma segun-da medalha pelo seu trabalho Pautheon.

---Topicos geraes de problema agricola

(Concluido do n.º 867)

Importa que a gente portugueza se compenetre cada vez mais da verdade contida nas linhas que precedem e que todos contribuam para o fo-mento da agricultura nacional, de modo a substi-tuir por productos proprios todos aquelles que importamos do estrangeiro a troco de agios ele-

Nós temos obrigação de nos alimentar, vestir e calçar com generos e fazendas de propriedade inteiramente nossa; pois não faltam terrenos aproveitaveis para sementeira de cereaes, pastagem de rebanhos e postura de bacêlos, e não nos fallece engenho artistico para extrahir das plantas filamentos opimos e do gado lãs escolhidas que sirvam ao fabrico de peças de panno e para preparar e curtir a pele dos animaes que fornecem cabedal e constituem assum um ramo de commercabedal e constituem assim um ramo de commer-

cio muito importante.

Vou traduzir para aqui uma passagem significativa do Dictionnaire Universet de la Geographie commerçante, de J. Peuchet, contemporaneo da Revolução franceza de 1789, eil-a:—«É opinião geralmente assente não existir em Portugal parcela alguma de terreno que não seja adequada a qualquer producção, e esta opinião tem fundamento legitimo. Encontra-se de baldio uma parte do solo que poderia dar bom resultado em mãos industriosas. As terras que se destinam á cultura de grãos não admittem comparação com

as das outras regiões da Europa.
Os camponios portuguezes não conhecem absolutamente os differentes processos de adubar a terra, ou, o que equivale á mesma coisa, não fa-zem uso de nenhum d'elles. O monturo é o adu-bo unico que empregam, e as terras onde uma vez semearam trigo jámais recebem cultura variante.

Ainda que a asserção pareça extranha, todavia não é menos certo que Portugal no meio dos ou-tros povos europeus de civilisação adiantada, conserva-se em estado de inferioridade relativamen-te á agricultura e no commercio das demais na-Decaindo sob o ponto de vista commercial os portuguezes perderam também o espírito de industria e o conhecimento das artes». O que diria Peuchet, se agora saisse do tumu-

lo em que dorme ha muito o somno da morte e viesse percorrer o Portugal da actualidade?

Que grau de differença para melhor no tocante à lavoura apontaria o auctor alludido?

Não quero, porém proseguir, em interrogações descabidas n'este momento, das quaes possa con-cluir-se proposito systematico de recriminação: em que todos, nacionaes e extrangeiros concor-dam plenamente é em que a faixa comprehendi-da entre o rio Minho, ao norte, e o oceano Atlantico, ao sul assemelha-se a jardim sempre viçoso e odorifero em que a Natureza se esmerou maternal e carinhosa, e para que Deus foi compla-

cente e benevolo.

E justamente d'um tal acórdo unanime deriva a necessidade para a população indigena de ser briosa no trabalho e diligente no esforço nobre.

Pão, vinho e pecuaria são tres elementos con-sideraveis de riqueza publica e de nutrição orga-

nica dos corpos. Esta trindade soberana deve orientar o povo portuguez e muito principalmente a classe dos avradores, que interessa por excellencia.

*Que fructos e futuro reserva a todas as insti-tuições benemerentes de um principe sabio e prudente la exclamava Henri Schaefer riscrevendo a Historia de Portugal, no capitulo em que falou do rei Lavrador mandando semear o pinhal de Leiria: que fructos, digo eu, poderão colher nossos filhos e netos se os lavradores portugue-zes e os homens de Estado actuaes entre nos se convencerem a largar de mão a todas as causas de campanario que os separam, entregando-se aquelles puramente à cultura da terra e estes à administração economica e à alta política de governo culto e illustrado!

Não desconheço que ha ahi uma barreira diffi-cil de levar de vencida, obstando a que se orga-nisem planos perfeitos de execução immediata no interesta acestral. interesse exclusivo da agricultura nacional e é a barreira egoista de ambições insaciaveis e incon-fessaveis; é o excesso estulto de vaidades inqualificaveis; é a cegueira de luxo e a loucura de os-

inicaveis; é a cegueira de luxo e a loucura de ostentações, n'uma palavra, é o pouco equilbrio de faculdades; um certo cynismo de venalidade e muita hypocrisia de paixão ignorante.

Pensar nas geiras, habitar casas de campo, educar as creanças na atmosphera sádia dos prados e á sombra de arvoredos frondosos, banir do lar domestico frioleiras de politiquice e da vida exterior, intrigas partidarias;—esta é a verdadeira sciencia de regeneração dos povos, a unica philosophia acceitavel de conforto da familia e o motivo genuinamente logico de actividade e de estabilidade social.

Cultivemos pois a terra, mas sem ancia de sor-

Cultivemos pois a terra, mas sem ancia de sor-didez e sem excesso de propriedade agglomerada. Entre os capitulos mais interessantes da histo-

ria da humanidade figura o anno jubilar, do po-

Em verdade, reentrar na posse da terra e ser restituido a liberdade após um lapso de cincoenta annos, é facto notavel e edificante que honra sobremodo a memoria de quem contou no numero seus grandes homens um legislador da estôfa de Moyses !

Isaias, por certo não dos menos celebres vidende Israel, annunciou desgraças e infortunios a todo aquelle que; juntasse casa com casa e ap-proximasse um campo de outro campo, de modo absorver o terreno todo e tornar-se unico possuidor do paiz »

Que devemos concluir d'este phenomeno de caracter social, que não só imprimiu cunho authentico na evolução política dos descendentes de Abrahão mas até mereceu cabida especial em linguagem de prophetas?

É que desde longa data, à vista dos campos o homem foi impressionado da necessidade e con-veniencia de fragmental-os em porções maiores ou menores relativamente mas sempre consentindo partilha proporcional a cada familia isolada e a cada individuo.

Com effeito, as terras não constituem por sua essencia e natureza regalo e privilegio de poucos; ellas são propriedade commum do genero humae como tal cumpre mantel-as em poder da collectividade.

Confesso leal e francamente que sou partidario da pequena propriedade e que sinto repugnancia invencivel pela agglomeração de grandes propriedades.

Ha um argumento forte, de primeira intuição, que pode cittar-se em favor d'aquella, é que seu beneficio immediato abrange muitissimo maior numero de pessoas ao passo que o systema de agglomerações nem se traduz com tanta efficacia nos resultados praticos, nem mesmo se re-commenda como seguro meio de aproveitar to-

dos os terrenos integralmente. Vê se em Portugal jazer sem cultura de especie alguma muita propriedade acumulada em mão de individuos que vivem de rendimentos de outra proveniencia, a qual distribuida em pequenas parcellas pelos habitantes pobres das freguezias ruraes e amanhada por estes levaria o conforto e o sustento quotidiano a milhares de casas onde falta o estrictamente necessario.

E isto não é ainda o peor, o que mais provoca e irrita os nervos é saber-se que os grandes pro-prietarios nem sequer em geral se acham colle-ctados nos termos em que deveriam sél-o, para ao menos, haver um estimulo pecuniario que os obrigasse a pensar mais a sério na cultura de suas fazendas.

Não vejam os leitores em mim uminimigo perigoso d'aquillo que lhes pertence: não ambicio-no o alheio mas penalisa-me que o sólo de meu paiz esteja mal parado e que não produza em har-monia com sua qualidade e disposição excellen-

Se os governos fossem guiados unicamente pe-lo bem da patria tentariam remediar este estado de coisas lastimavel no tocante á agglomeração de propriedades rusticas, sem emprego de violencias embora com recurso a medidas energicas.

A questão é além de complexa, grave e melindrosissima; mas por isso mesmo se torna mais palpitante sob o ponto de vista de sciencia poli-tica, na esphera superior do governo e também por isso mesmo reveste aspecto de nobreza digno de estudo profundo e aturado.

Para n'este genero se emprehender em Portu-gal alguma coisa de valor perduravel é mister por de lado insinuações de adeptos e obedecer apenas a luzes de bom senso combinadas com observação escrupulosa e analytica de factos.

E nem o caso é para menos attenta sua importancia e significação moral, que affecta todas as classes egualmente chegando a ferir interesses le-

gitimos locaes e privados.

Comtudo, é certissimo palpavel e evidente o direito que asssiste aos governos de fazer leis novas e de alterar e modificar no todo ou em parte as ja existentes que não se coadunam com o progresso dos tempos se não respondem a exigencias rasoaveis dos povos.

Bem entendido: liberdades não lavivas name

Bem entendido: liberdades não lezivas nem aggressivas de principios justos, porque então convertem-se em attentado punivel por leis cri-minaes no tribunal competente!

Ora o contraste que resulta de açambarcamen-da propriedade defrontando-se com misera existencia vegetativa de simples aldeões amantes de trabalho, a cujos braços tantas vezes negam serviço os grandes senhores do sólo, é deprimente e vexatorio, é uma provocação constante e uma isca de revolta.

uma tarefa brilhante para consagração de Estadistas e para registo de credito insbalavel e de convicções firmes, —qual a de conseguir esta-belecer um regime legal e acceitavel de propriedade que desde agora restringindo as agglomera-ções de terreno impeça no futuro a repetição de semelhante facto e dê margem a uma divisão fundamentalmente equitativa em que os lotes ou quinhões abranjam em conjuncto a massa da população rural.

Resolver este problema é já hoje necessida-de incontestavel e urgente. Não é no momento de explosão de paixões e

de odios que aquellas se abrandam e estes se amortecem: convem não deixar chegar enfermidades até seu paroxismo agudo.

Justamente esta razão me faz considerar que é

tempo opportuno para a politica portugueza pas-sar de lacciosa, partidaria e egoista em anhelos de ganancia a política de inteiresa e de isenção categoricas, e a obra pratica intensamente nacio-

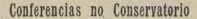
Encete caminho pela propriedade, e oriente o plano que haja de seguir tendo em mira desagre-gar glebas e habilitar a multidão a poder possuir terras araveis de que aufira proveito.

Afiguram-se-me de vantagem em tão impor-

Anguram-se-me de vantagem em tão impor-tante assumpto alguns meios indirectos que equi-valem e até sobrepojam a quaesquer outros e en-tre elles julgo de largo alcançe uma nova lei re-gulamentar de direitos de transmissão da proprie-dade e bem assim um systhema de inscripção e de registo d'esta que não permitisse illudir e so-phismar o fisco relativamente a contribuições dephismar o fisco relativamente a contribuições de-

Importa, em resumo, que dentro de um periodo de annos não muito dilatado a propriedade dividida, attinja por benefiçio a população portugueza e concorra pecuniariamente, sem excepção de casta alguma para o thesouro do Estado.

D. Francisco de Noronha



--



ERNESTO VIEIRA

Já nos referimos na Chronica do n.º 867 do Occubente á preciosa conferencia feita pelo sr. Ernesto Vieira, membro do conselho de Arte Musical do Conservatorio Real de Lisboa, e primei-ra da serie que n'aquelle estabelecimento de ins-trucção foram estabelecidas, damos hoje as considerações que, acompanhando o retrato do dis-tincto auctor do Diccionario biographico, e a pro-posito da sua conferencia, constituem um dos ar-tigos mais interessantes do nº 98 da magnifica revista A Arte Musical.

«Raras são em Lisboa as conferencias sobre assumptos musicaes e não gozam, verdade seja, d'uma grande simpathia por parte do nosso publico.

«A razão parece-me obvia. Para a grande maioria dos nossos frequentadores de concertos a musica é de duas especies: a que entra pelas orelhas dentro, e se presta admiravelmente a acompanha-mento das mais variadas conversações e a que demanda uma cerra contensão de espirito e que portanto .. é massada. Ora desde o momento em que se encara a divina arte sob estes dois quasi unicos aspectos é claro que poucos pensam em profundar-lhe o lado theorico e muito menos em rebuscar na poeira do passado os elementos constitutivos da sua historia.

«Nos paizes musicalmente cultos a conferencia

A Nova Camara dos Deputados



O ESCULPTOR TEIXEIRA LOPES



O ESCULPTOR JOSE' MOREIRA RATO



O ARCHITECTO A. A. MARQUES DA SILVA

é frequente; é tambem copiosamente frequentada por um auditorio preparado para a comprehen-der e apreciar. Esse preparo que afinal de contas não importa em profundos conhecimentos scien-tificos nem em lucubrações emaranhadas de alta

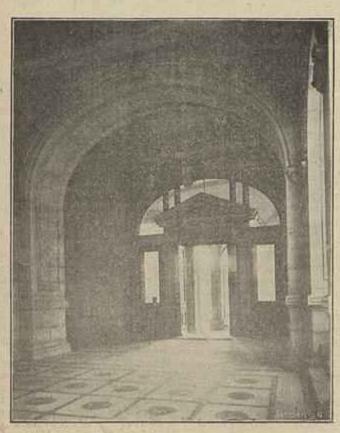
tificos nem em lucubrações emaranhadas de alta esthetica escasseiam-nos por completo aqui.

«Verdade, verdade, eu julgo que no momento presente, em que a vida musical do nosso paiz parece animar-se n'uma salutar evolução e tomar, ainda que muito pausadamente, o caminho luminoso que os povos civilisados de ha muito vem trilhando, eu julgo, perdoem-me a franqueza, que mais necessitamos da lição elementar que da conferencia.

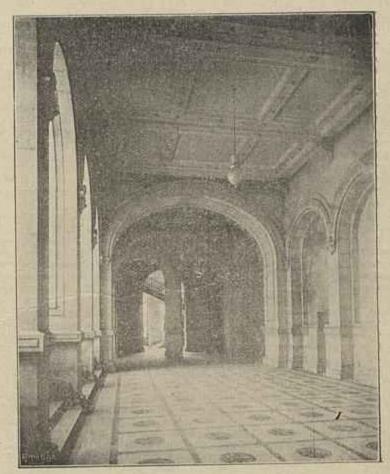
«Quem sabe mesmo se a scintillante exposição de Ernesto Vieira no Salão do Conservatorio não vem apoiar e dar plena razão á minha premissa! Pois não vi ali mesmo o distincto musicologo rodeado de um grupo titubeante de artistas de âmanhã, voluntariosos a mais não poder ser, mas completamente alheios e desnorteados em um terreno que pela primeira vez pisavam? Pois não vejo que o esforço de mestres da mais alta conpetencia e valôr, como tem o Conservatorio, nun-



O ARCHITECTO ANTONIO DO COUTO

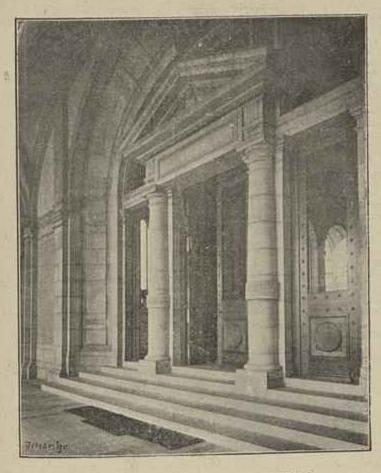


VESTIBULO DE HONRA - LADO DA ENTRADA

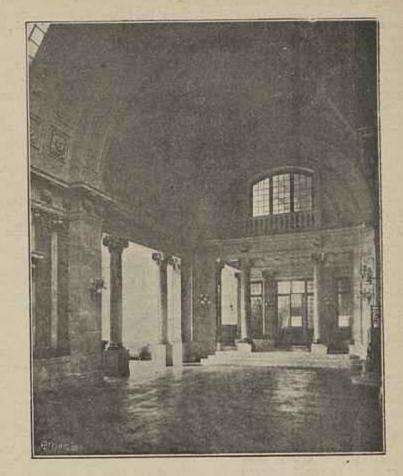


VESTIBULO DE HONRA - LADO DO FUNDO

A Nova Camara dos Deputados



PORTA PRINCIPAL DO PARLAMENTO



SALA DOS PASSOS PERDIDOS

ca poderá transformar em artista, na grande e nobre accepção da palavra, o pobre illetrado que lhe confiam?

*Não divaguemos porém e sobretudo não cree-mos desanimos nem destruamos illusões. Con-vem pelo contrario trabalhar, surribar sem des-canço este terreno maninho e bravio, que talvez

um dia nos traga formosos fructos.

«Ensinando e escrevendo tem Ernesto Vieira prestado um precioso tributo a esta santa causa do progresso e da arte e o producto de tantos annos de trabalho e de pacientes investigações artisticas e historicas tem o elle espalhado com mão prodiga e generosa, sem olhar para a retri-buição nem regatear o premio. Este é trabalho de verdadeira benemerencia e de verdadeiro pa-

«Na sua palestra de domingo passado, feita em

linguagem fluente e clara, deduzida admiravelmente em todos os seus promenores, passou o professor Vieira em rapida revista os primordios da arte portugueza, nos seculos xvi e xvii.

«Instruido o auditorio sobre a orientação da con-

ferencia e sobre a technica dos raros composito-res nacionaes que se conhecem n'aquelle periodo, historiou o illustre artista as tentativas diversas que nos diversos generos de composição se pro-duziram então, marcando cada uma d'ellas com um interessantissimo exemplo.

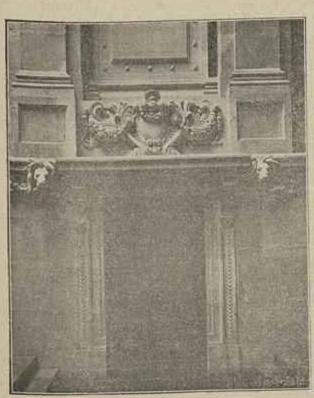
aTeve o primeiro logar, que a ordem chronolo-gica necessariamente impunha, uma canção a tres vozes, O desdichado de mi, cujo auctor, o dis-creto Badajoz, foi um dos musicos da camara de el-rei D João III.

«Como typo da musica popular d'aquelles tem-pos apresentou nos o illustre conferente um ro-

mance anonymo, Puestos estan frente a frente, em que o povo lembrava a desastrosa jornada de Alcacer Quitir. Este trecho, cuja execução foi contiada como o primeiro a alguns alumnos do Conservatorio, teve e muito merecidamente as honras da repetição.

«Executou em »eguida o proprio Ernesto Vieira um tento para orgão do l'adre Rodrigues Coelho, um tento para orgão do l'adre Rodrigues Coelho, um dos numerosos trechos musicaes que este habil contrapontista publicou em 1620, sob o titulo de Flores de Musica para o instrumento de Tecla de Harpa. O trabalho polyphonico d'esta composição e de algumas outras que se encontram n'este interessante volume parece dar razão ao erudito professor, quando apresenta o Padre Coelho, um tanto arrojadamente, como um dos percursores do grande Bach.

«A melodia pura teve em seguida como repre-



PORTA PRINCIPAL DA SALA



FACHADA POSTERIOR DA NOVA CAMARA DOS DEPUTADOS

sentante o compositor André da Costa, cuja existencia nos foi pela primeira vez revelada pelo proprio Ernesto Vieira, no seu Diccionario biographico de recente publicação. A obra escolhida pelo douto conferente para nos dar ideia do processo musical de Andre da Gosta foi uma cantata dedicada a D. Maria Anna de Antria mulha da describa a pelo de Andre da Antria mulha de la contra del contra de la contra del contra de la contra dedicada a D. Maria Anna de Austria, mulher de D. João V.

*Ouçamos o que elle proprio nos diz no seu Diccionario, a proposito d'esta obra:

"E' um interessante e muito raro specimen da nossa musica seiscentista em estylo profano, ain-da não influenciado pela quadratura das formas italianas. Divide-se em arios e recitados, termi-nando por uma fuga. A melodia une-se intima-mente as palavras reproduzindo o seu sentido e accentuando-lhes a prosodia, sem obedecer a sy-metria exacta; as phrases do canto são cortadas em dialogo com o acompanhamento (um simples baixo com rarissimas cifras) o qual começa sempre por expor um desenho melodico, servindo de modelo, que o canto em seguida imita. Isto nas arias, porque nos recitados torna-se o acompanhamento extremamente singelo. A chamada fuga no final, não passa de um simples dialogo à ot-tava entre o canto e o acompanhamento.»

aUma parte d'esta curiosa companhamento.»

«Uma parte d'esta curiosa composição teve por interprete a sr.* D. Isaura Gallado.

«O ultimo exemplo apresentado e este por um grupo de jovena coristas escolares foi um dos numerosos villancicos de Marques Lesbio, o famoso mestre de capella de D. Pedro II. E' a cinco vozes e tem por titulo Ayrecillos mansos.

«Com este exemplo terminava Ernesto Vieira a sua eloquente exposição, accentuando em Marques Lesbio o inicio de um periodo de decadencia, que no dizer do distincto musicologo, teve como principal origem a introducção da musica italiana em Portugal.

«E' esta pelo menos a these que prometteu Jesenvolver em uma nova conferencia, que espera-mos anciosamente e em que contamos applaudil-o com o mesmo enthusiasmo com que o fize-

OS CIGANOS E O SEU DIALECTO

(Continuado do n.º 865)

O sr. P. Merime narra o seguinte:
«Ha annos uma hespanhola, ella propria me
contou, passava pela rua de Alcalá muito triste e preoccupada, uma cigana acocorada sobre o pas-seio gritou lhe:

aMinha bella senhora o seu amante trahiu-a. «Era verdade.

«Quer que eu o faça voltar?

«Comprehende-se com que alegria a proposta foi acceite, e qual devia ser a confiança inspirada por uma pessoa que adivinhava assim n'um re-lance, os segredos mais intimos do coração. «Como se tornava impossível proceder a ope-

rações magicas na rua mais frequentada de Madrid, combinou-se uma entrevista para o dia se-

-- «Nada mais facil que fazer voltar o infiel a vossos pés, disse a cigana. Tem por ventura um lenço de assoar, um cinto, uma mantilha que elle lhe haja dado?

«A minha conhecida entregou-lhe um lenço do

pescoco

«Agora cosa com seda carmesi uma piastra a um canto do lenço; aqui uma peseta; ali uma peça de dois reales. Depois hade coser no meio uma peça de oiro. Um dobrão seria preferivel — «Cose-se o dobrão e o resto? — «Agora, dê-me o lenço, vou leval-o ao Campo Santo ao bater da meia noite. Venha commi-

po Santo ao bater da meia noite. Venha commi-go, se quer ver uma bella dishrura. Prometto-lhe que ámanhã tornará a ver aquelle que ama. «A cigana partiu sosinha para o Campo-Santo, por que a apaixonada rapariga tinha muito medo dos diabos, para querer acompanhal-a. «Pensem agora os leitores se a pobre amante abalal.

«O lenço com o dinheiro cosido é que ella nunca mais tornou a ver.

Apezar da sua miseria e da especie de aversão que inspiram, os ciganos gosam d'uma certa consideração entre as pessoas pouco esclarecidas, e elles vangloriam-se d'isso. Julgam-se uma raça

superior pela intelligencia e desprezam cordeal-mente o povo que lhes da hospitalidade.

—•Os indigenas são tão estupidos, dizia-me uma bohemia dos Vosges, que não ha merito al-gum em logral-os. Outro dia uma aldea chama-me da rua, entro em sua casa. O fogão fazia fu-

mo, e ella pediu-me um sortilegio para acabar com isso. Comecci por pedir um bom pedaço de toucinho, depois puz-me a resmungar algumas palavras em romani: E's burra, dizia eu, nasceste burra, burra has de morrer!.. Quando cheguei perto da porta disse-lhe em bom allemão: — O meio infallivel de evitar que o teu fogão faça fumo, é não fazeres fogo n'elle. E dei às de Villa Diogo.

No que respeita á maneira de trajar, quando disfructam alguns bens de fortuna, os homens teem grande affeição á roupa branca e as suas camisas são irreprehensivelmente gommadas com, canorilhos e bordados nos peitishos, a maneira do toureiro hespanbol.

traje em rigor é egual ao que usava no seculo passado o povo de Andaluzia, mais ou me-nos rico, de melhor ou peor panno.

Os homens concentram as suas qualidades de gosto no vestir em usar roupas justas ao corpo, jaquetas de alamares de prata, burzeguins com abotuaduras do mesmo metal etc.

As mulheres são perfeitas andaluzas no trajar,

disputando-lhe o mimo e a graça no donaire com que se apresentam nos mercados, nas feiras nas touradas, em todas as festas publicas onde con-

A tradicção não conservou vestigio algum au-thentico dos primitivos trajos ciganos. Taivez em Hespanha, como no resto da Euro-

pa, seja essa a unica cousa que poderam obter os legisladores: fazer abandonar ao cigano o trajo primitivo; e, como a Andaluzia tem sido uma das provincias onde os ciganos desde o tempo dos arabes estabeleceram os seus arraines com maior predilecção, é talvez esse o motivo porque adoptaram o costume andaluz.

De mais ha certa similhança no garbo e maneiras entre o andaluz e o cigano, que explica tam-bem a sua preferencia dada ao modo de vestir.

Os andaluzes são uma mescla de romano, vandalo e mouro, em cujas veias giram particulas de sangue cigano, não sendo com este povo tão rigorosos os preceitos da liri es cales.

Diz-se até que a mesma paixão que inspiram as ciganas aos andaluzes é compensada pelo que os ciganos inspiram ás mulheres de Andaluzia.

Entre as particularidades dos ciganos ha uma que diz da sua prodigalidade, e que tem sido a ruina de muitos: são as excessivas despezas que fazem nas festas das suas bodas.

Para os tres dias que se prolonga o festim, são convidados não só os ciganos do logar, como os conhecidos e todos que appareçam, associando-se a essa verdadeira dissipação de doces e be-

bidas de toda especie, para o que o noivo con-trae dividas que lhe são logo um pezado encargo

no principio do seu novo estado.

Francisco Quindalé e o sr. Adolpho Coelho referem algumas curiosas particularidades sobre a cerimonia do casamento, que são mais uma bella prova da hombridade de caracter d'esta extraordinaria raça.

Esses usos que se conservam ainda entre muitas familias ciganas, e que eram observados anti-gamente por quasi toda a Hespanha, desappare-ceram com a successão da casa d'Austria ao throno hespanhol, mas a elles se sujeitou Isabel de Castella, quando casou em Valladolid com Fernando de Aragão.

Não terminaremos o capitulo das particularidades que distinguem o cigano sem fazer menção especial de um uso, talvez esquecido já pelos ciganos da Europa, porém ainda conservado entre os ciganos russos e hungaros, quando teem a fazer expedições demoradas e distantes.

Esse uso consiste em collocarem signaes nos

caminhos para que outros que os seguirem sai-bam qual foi por elles escolhido, e resumem-se em alguns montes feitos de herva arrancada para es-se fim, ou n'uma cruz traçada no chão, servindo de indicador um dos braços feito propositada-

mente mais comprido do que o outro.

Qualquer d'estes dois signaes (pateran) marca
ou (trail) signal, foram elles que serviram para guiar, uns após outros, os grupos de ciganos que se internaram na Europa.

-010

(Continua)

Julio Rocha.

O ultimo senhor de um velho solar ROMANCE HUNGARO POR

Paulo Gyulai

O senhor mordomo não está á altura de perceber destas coisas, e é por isso que intenta ir-

me á mão. Hei-de mostrar a essa cambada, que sou ainda o mesmo homem de outros tempos. E trate de se pôr a caminho, quanto antes, vá-me avisar esses meus feudatarios, emprazadores daquillo que è muito meu, que se ponham d'ali para fora, ou que paguem como até aqui as competentes rendas e venham desde ja fazer novo contracto, aliás, mandá-los-ei pôr no olho da rua á ví-va força, tão certo como eu chamar me Aleixo de Radnothy e haver servido pelo espaço de vinte annos o condado.

A quem for alheio ás condições especiaes da Transylvania, poder lhe á causar estranheza o agastamento de Radnothy por vêr usurpados

seus terrenos.

A nobresa Transylvana, além dos seus adstrictos da gleba, tinha ainda outros subordinados sujeitos quasi que a eguaes condições, mas cuja ca-tegoria não correspondia em absoluto á dos pri-

Ora, o numero de braços concorre a valorisar mais ou menos a maxima parte da propriedade rural, e os nobres, na sua quasi totalidade, admitiam colonos, nas suas terras infeudadas. Estes emigrantes recebiam, consoante as regiões em que se estabeleciam, as designações de clientes, de abarracados, ou Hurutas, de huruba, em lingua hungara, barraca ou choupana). Pagavam ape-nas um tributo de capitação, sendo porém isen-tos de contribuição agraria, pelo facto de ama-nharem terras pertencentes á nobreza, prestavam serviços a seus senhores, já como jornateiros já como creados, e delles alguns pagavam foro.

Os servos podíam obter alforria, os clientes, esses, como aliás é de suppor, não mudavam de condição.

Como porém a maioria dos clientes nem á mão de Deus padre percebiam a razão porque não ti-nham direito à alforria, visto serem eguaes as dos servos as suas condições de vida, foram-se, a pou-co e pouco, retraindo de pagar rendas e dizimos, até que rebentou a revolução e detiveram os bens em seu poder, considerando se forros tal qual o estavam os servos manumissos. Os mais resistentes foram os clientes válacos, e levaram mais longe taes usurpações, visto haverem sido obrigados a cohibir se de outros excessos. Durou este estado de coisas ainda alem do anno de 185o, e só veiu a cessar, quando lhes poz côbro a regula-mentação do conselho do condado e principiaram a funccionar regularmente os negocios da justica. E ainda então dava logar esta circumstancia a inumeros processos, pois que em algu-mas terras, entre outras depredações, perderam-se totalmente os registos da propriedade agraria, e em outros arderam os livros de cadastro dos senhores, ou porque sobrevieram circumstancias concorrendo a aggravar ainda mais a con-

Radnothy contava muitos destes clientes, e em especial, entre os válacos, que constituiam uma boa metade dos moradores das aldeias. Pertencia a este numero o seu antigo jardineiro, o qual, quatro annos havia, edificara uma nova casa, ac-crescentando ás suas fazendas um campo de micrescentando as suas fazendas um campo de milho de arrazoadas proporções. Era contra este
que o venerando fidalgo nutria maior grau de
irritação, não só por ter sido o mais descarado
entre os usurpadores das suas terras, mas ainda
pelo facto de lhe haver desinquietado a antiga
governante, despozando-a. Accrescia a aggravarlhe o resentimento o haver aquelle, no acto de lhe devastarem o solar, feito causa commum com o povoléo, participando do regabofe, debaixo do seu proprio tecto, e, mancommunado com a governante, tendo deitado a mão a uma parte importante do mobiliario. Castigando a este mal agradecido, o mais conspicuo, alia, entre o numero dos seus clientes, propunha-se a estabelecer para os outros um exemplo, e portanto, decorri-dos os tres dias da praxe, enviou o seu huzar, o Estevam, áquelle primeiramente, afim de verificar se o homem tinha ou não evacuado a proprie-

O Estevam deu conta do incargo com a melhor vontade; tambem elle nutria rancor contra o jardineiro, que lhe bifára do lance a governante, so-bre a qual elle havia deitado as suas vistas, esco-lhendo-a para sua companheira e seu amparo na velhice, e a despozára nas suas proprias bochêchas, e quando regressou, — com ar de malicia extre-ma, participou que o jardineiro —com perdão de Sua Senhoria—lhe perguntára: estará idiota, por acaso. Aleixo Radnothy, para lhe mandar recado tão asnatico; que tanto a casa como os campos lhe pertenciam a elle jardineiro, que pagava a decima respectiva, que era aquelle agora o seu solar, que elle presentemente era tambem um senhor, e que era tanto como o fidalgo:--podiam vir ter com elle quantos vice-palatinos existiam

na Tansylvania, que haviam de ir todos corridos,

do primeiro até o ultimo.

-Pois veremos, amanhã, heide escarmentá-lo e abrir exemplo de ordem tal, que a aldeia em pêso aprenderá a respeitar-me, — exclamou Rad-nothy, ao qual este incidente pusera totalmente fóra dos eixos; — não o digas a ninguem, que os da aldeia, se o souberem, vão-n'o logo pesperar ao jardineiro. Os criados que reuna aqui todos na varanda, ao romper da madrugada; dá-lhes aguardente a rodo, e o mordomo que tambem não falte, e tu não te deites esta noite, para não

deixares de me accordar cêdo.

Ao alvor da madrugada, transformou-se a va-randa do solar em arraial de guerra. Radnothy, á mingua de espadas e escopêtas, armou a sua gen-te com tudo que incontrou á mão. O Estevam brandia um machado de cobre, o mordômo es-grimia com um forcado, o zagal dos bufalos ar-vorava um ancinho, o cocheiro fazia sarilhos com uma emada, o lacajo perfilarasse, com uma foice. uma enxada, o lacaio perfilara-se, com uma foice roçadoira ao hombro. O proprio Radnothy cin-gia um sábre, que fora recentemente incontrado no institu no jardim, e que era o mesmo com que elle cos-tumava apresentar-se nas reuniões do conselho do condado. Como bom cabo de guerra, animava as suas tropas, enchia ihes de aguardente os copos, e transmitia ordens ao mordomo que tentava distuadi lo de dar passo tão imprudente.
Radnothy estava no seu verdadeiro elemento,
considerava-se como a entidade di igente da secção executiva do Consêiho do Condado, capacidade em que elle em tempos tanta vez lhe coubera a missão de instrumento da lei.

Tão agradavel excitação o tornava lhano e pro-

Tão agradavel excitação o tornava lhano e propenso a chalacear; em summa, desde o seu re-gresso, era aquelle o seu primeiro dia de satisfa-ção. Este singular capricho exercia sobre elle tão benefica influencia que se sentia como que re-

Apos infinitas combinações, e outros tantos planos de campanha, resolveram marchar. la por batedor o cão de guarda, e logo a seguir, o Estevam, que commandava o troço na qualidade de general e, fechando a rectaguarda, os mestresde campo, a saber, Radnothy e o mordômo, este ultimo ajoujado e não pouco como um ponderoso forcado. Ao carrera pola completa su forcado. so forcado. Ao passarem pelas cosinhas, aggrega-ram se-lhes, representando a reserva, a gover-nante e a Maria coxinha, que não iam armadas, mas que, por isso mesmo, faziam maior alarido. A' medida que a tropa se la aproximando da casa que projectava levar de escalada, mais se lhe la acalmando a sede de sangue. O zagal dos bufalos principiou a insinuar aos camaradas que o jardi-neiro dispunha de uma espingarda, o mordômo afirmava de sciencia certa que possuia umas pistolas o sobredito. Entretanto, era tarde para re-considerar. O «Maros» o cão de guarda, encetou o ataque, engalfinhando-se no cão do jardineiro, e o Stéphan, acto continuo, deu o signal para o ataque, fazendo das tripas coração, e para afugentar o mêdo, ponderando que a espingarda dava apenas um tiro de cada vez, e que uma pessoa, deitando-se de bruços no chão, escapava são e a salva e depois com um pulo, dava cabo do salvo, e depois, com um pulo, dava cabo do inimigo.

e a salvo, e depois, com um pulo, dava cabo do inimigo.

Succedeu exactamente aquillo de que elles se temiam. O jardineiro, accordado de sobresalto, implantou-se na soleira da porta, de espingarda ingatilhada, ameaçando, a poder de invectivas, que o primeiro que se atrevêsse a acercar-se pregava-lhe uma chumbada, como quem atira a um cão, e fez pontaria. Recuou desde logo o trintanario e seguindo o aviso do Estevam, deitou-se de bôrco no chão, pondo em immediata confusão quer a ala esquerda quer a direita; e os outros, sem excepção do proprio Estevam, olvidando a tactica de guerra, deitaram a correr, galgando de tropel por cima do corpo do precavido trintanario. Os mestres de campo foram os unicos que se mantiveram firmes; mas, em vez de atacar, pegaram a renhir um com o outro, Radnothy, desembainhando o sabre, queria arremeter sosinho contra o jardineiro, acto a que não annuiu o mordômo, agarrando-se a elle e puxando o para traz com quanta força tinha. Numa palavra, a expedição haveria sofrido grande desaire, se não tem vindo accudir-lhe o acaso.

— Em nome de Deus, que vaes fazer, queres

vindo accudir-lhe o acaso.

—Em nome de Deus, que vaes fazer, queres dar em assassino? Abaixo com essa espingarda! solluçou a mulher do jardineiro e desatou num

vale de lagrimas.

— Vai la para dentro, que isto não é negocio de mulheres — adversou o jardineiro, impur-

rando-a.

- Pois eu é que daqui não arrêdo pé, antes que me mates com um tiro; dá para cá a espin-garda. Queres ficar com uma morte ás costas? Assassino - assassino - assassino! guinchava a

matrona deitando a mão á espingarda e intentando arrancá-la das mãos do marido.

Com esta diversão principiou a bellica cohorte a cobrar alento. Encheu-se de animo o Estevam, corrido a mais não poder ser pelo facto de haver dado nos calcanhares.

Os restantes seguiam-lhe no incalço, e o jardineiro, a braços ainda com a espora, em breve se

viu cercado. Incetou se então o ataque por todos os lados, com verdadeiro alarido de guerra. O Estevam travára-se em lucta com o jardineiro, e sentiu este que o atacava pelas costas o mordomo. A jardi-neira vituperava, chorando, o inimigo, e atirou-se

CHARLES SY CHEROLOGY

ao cocheiro de vassoira em punho. O zagal dos bofalos brandia, tremebundo, o forcado, sem fazer mal a ninguem, a voz estentoréa, terrivel suppria, porém, razoavelmente um canhão. A governante descompunha a jardineira, sua antecessôra, e a Maria coxinha berrava a bom berrar: Arredal não façam mal ao nosso fidalgo!

(Continus).

M. Macedo (Pin-Sel)

NECROLOGIA

JOAQUIM JOSÉ FERNANDES AREZ

O illustre extincto que a morte arrebatou re-pentinamente dos braços da esposa e dos filhos que o estremeciam, no dia 28 de janeiro findo, era antigo commissario geral das alfandegas e vo-gal effectivo da junta consultiva do ultramar.

Natural de Nova Goa e filho do tenente coro-nel Antonio Joaquim Arez e de D. Maria Anto-nia Ferreira Martins Arez, nascera a 21 de agosto de 1839, contando pouco mais de 63 annos, quan-

do a morte o veiu surprehender. Tendo concluido com distincção o curso dos lyceus, assentou praça em abril de 1858, obtendo nas escolas superiores um honroso logar, sendo classificado para a arma de engenharia.

Promovido a 2.º tenente em 1855, foi no mesmo anno nomeado membro d'uma commissão,

encarregada de proceder a tombação e demarcacão de terrenos, arrendados a longo prazo, na provincia de Satary, a uma colonia americana que a guerra de Successão tinha obrigado a exilar. Esta commissão foi mais tarde encarregada tambem de proceder ao levantamento geral topographico da referida provincia, e em 1870 apresen-tava os seus trabalhos compostos de 170 mappas parciaes, um mappa geral, e um bem elaborado relatorio sobre as condições de Satary, pelo que foi louvado em portaria de agosto de 1870. No decurso dos trabalhos da commissão citada,

No decurso dos trabalhos da commissão citada, Joaquim Arez concorreu á Escola Militar de Goa a obter ahi uma cadeira de lente em 1868.

No mesmo anno ainda, é encarregado de ir a Bombaim adquirir material de guerra para a columna de cypaios que devia cooperar na expedição mandada á Zambezia contra o Bonga.

Promovido a 1.º tenente em 1821 a constranto.

Promovido a 1.º tenente em 1871 e encarregado da demarcação das mattas nacionaes e da elaboração de novos regulamentos para as mesmas, tão distinctamente se houve, que foi novamente louvado em portaria de julho do mesmo anno.

A demarcação de limites entre Goa e Canará

do Norte (India Ingleza), offereceu uma nova occasião de Arez se evidenciar, e o governador da India ingleza sir W. Seymour Fritzgerald em officio dirigido a J. Ferreira Pestana, testemunhou a sua satisfação pela conducta do distincto enge-

nheiro.

Mas entre os serviços mais relevantes, lembraremos os que prestou Arez no difficil quão hon-roso logar de administrador das Novas Conquistas, com o encargo de extinguir os restos da revolta dos Marathas, e os bandos dos salteadores que infestavam aquella região em 1872. Em menos d'um anno Josquim Arez tendo desenvolvido uma energia admiravel, conseguiu aprisionar os que escaparam com vida nos numerosos recon-tros com as nossas forças. Foi então proposto tros com as nossas forças. Poi então proposto pelo governador —, um dos veteranos da liberdade, general Macedo e Couto, para a promoção ao posto immediato por distincção.

Secretario particular do governador da India, o general Tavares de Almeida, foi a Delhi assistir ao durbar da proclamação da rainha Victoria, como imperatriz das Indias.

No mesmo anno, 1877, acompanhou o eminente estadista Nogueira Soares, a Calcuttá Simla para entabolar as negociações para um tratado de commercio, commissão esta que desempenhou até

No anno immediato foi nomeado sub-director das Obras Publicas, de Nova Goa, e ainda no mesmo anno encarregado de estudar as pautas das alfandegas da India ingleza, para por em execução, juntamente com Antonio Augusto de Aguiar, o tratado de commercio e o regimen de Sal e Abkari

Nomeado pelo vice almirante Caetano de Al-buquerque, um dos mais energicos governadores da India, commissario de Sal e Abkari, e membro do conselho governativo, em recompensa dos serviços prestados, foi chamado pelo governo da metropole para negociar, ainda com Antonio Augusto de Aguiar, um novo tratado, e encarregado

de pol o em execução no anno immediato.

Novamente chamado em 1891, pelo ministro sr. Conselheiro Barbosa du Bocage, para acompanhar, como delegado technico, o conselheiro Pinheiro Chagas, nas negociações novamente entabolidos propositivos de conselheiro. taboladas, repelliu as exigencias do commissario

inglez Caren.

Tendo requerido a sua aposentação como com-missario de Sal e Abkari resignou o seu posto no exercito, conservando comtudo as honras de tenente coronel.

Eleito deputado pela India durante o ministerio Neves Ferreira e por duas vezes membro da
Junta Consultava do Ultramar, foi nomeado definitivamente, em 1897, membro effectivo da mesma junta, sendo o illustre extincto relator de
mutos e importantes assumptos coloniaes.

Fez ainda parte da camara de deputados na ul-

tima situação progressista e ultimamente d'uma commissão presidida pelo sr. general Cabral Couceiro e composta dos mais distinctos engenheiros da metropole, para estudar a questão das tarifas da linha ferrea de Mormugão.

Completando estas ligeiras notas biographicas, damos em seguida alguns trechos da allocução feita á beira da sepultura de Fernandes Arez, pelo sr. Dr. F. A. Ochoa:

«Josquim José Fernandes Arez era filho d'uma

das familias mais distinctas de Gôa, e contava na sua arvore de geração ramos illustres que brilha-ram em varias epochas n'aquella nossa colonia, e ali prestaram ao seu paiz importantissimos servicos. Engenheiro distincto, Fernandes Arez habi-litou-se a seguir uma brilhante carreira militar, emquanto poude, e a prestar ao seu paiz natal assignalados serviços.

«Ultimamente a sua privilegiada capacidade, as suas extraordinarias qualidades de trabalho fixaram-se no seio da nobre junta consultiva do Ul-tramar, onde, por largos annos, prestou valiosis-simos serviços e onde o seu nome ha de, com certeza, ser lembrado como o de um trabalhador incansavel e prestante, como o d'um modelo de honradez e de justiça.

«A reconhecida capacidade do seu espirito e a honradez incontestavel do seu caracter chama-ram-no a muitas e importantissimas commissões de serviço publico, de que deu sempre conta por forma a merecer justos louvores. Quando em qualquer ramo d'administração publica se exigia competencia especial e trabalho fora do com-mum, o nome de Fernandes Arez era sempre lem-brado, desempenhando-se por forma que os seus serviços hão de honrar por muito tempo o seu nome e justificar a gratidão dos seus concidadãos.

«Fernandes Arez era um bom e justo. O seu coração d'oiro tinha um valor inapreciavel; a sua alma generosa e boa, riquezas inexgotaveis; o seu caracter diamantino uma honradez estoica, que brilhava particularmente n'este meio egoista que nos suffoca.

«Na limitada esphera das suas forças, no animo restricto da sua acção, ninguem fez mais bem ao homem, ninguem sentiu mais vivamente as dores

do seu similhante.

«Nunca o pobre e o desprotegido bateu á sua porta que ella se não abrisse de par em par. E quando o viamos correr afadigado d'uma para outra repartição publica, da casa d'um para d'outro amigo, e elle tinha tantos quantos o conheciam, podia-se afiançar sem receio que Fernandas Arazandas tenhalbando para outrem des Arez andava trabalhando para outrem.

«Quando ha 24 annos eu fui tomar posse d'uma comarca em Goa, encontrei ali tres creanças, tres orphãos de pae e mãe, tres irmãos abandonados de toda a gente e de toda a protecção, e na edade em que o precipicio se depara a cada passo.

D'entre numerosos parentes que tinham, nenhum se sentiu com forças de os amparar, por



JOAOUIM JOSÉ FERNANDES AREZ

FALLECIDO EM 27 DE JANEIRO DE 1903

que na verdade o encargo era pesado. Mas Fer-nandes Arez, apesar das suas limitadas forças e dos seus fracos recursos, porque elle foi sempre um pobre e um honrado, não trepidou. Acceitou

essas creanças em sua casa, creou-as e educou-as como aos seus filhos, protegeu-as, collocou-as, salvou-as. E hoje são dois func-cionarios prestantes d'aquella colonia; e a terceira uma esposa virtuosa d'um distincto official do exercito. Todos elles choram certamente a esta hora lagrimas de saudosa gratidão pela morte do seu bemfeitor.»

F. A. Ochoa.

GONÇALVES DIAS

Falleceu no Porto, no dia 28 de janeiro, com 24 annos de idade, o auctor das Te-las rusticas, um dos novos escriptores de

mais longo e promettedor futuro.

Victimou-o a tuberculose quando a vida ainda lhe sorria pelo encantador prisma das illusões, e a familia de quem era o enlevo, via n'elle o idolo das suas mais acari-

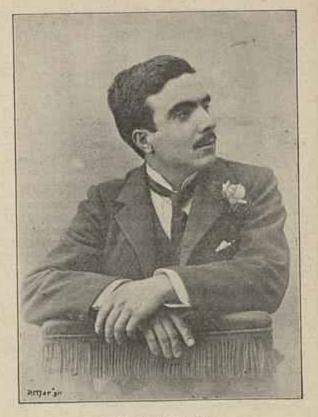
levo, via n'elle o idolo das suas mais acariciadoras esperanças.

Era redactor do nosso estimado collega
Estrella do Minho, jornal que tem a sua
séde em Villa Nova de Famalicão, collaborando em varias revistas e jornaes litterarios, onde deixou profusamente espalhados muitos contos e artigos.

As Telas rusticas, que haviam sido a sua
estreia, mereceram-lhe o applauso da imprensa periodica, especialmente da imprensa do norte, que, mais de perto, conhecia

sa do norte, que, mais de perto, conhecia as aptidões litterarias do moço escriptor.

Era um rapaz de coração, que deixa em todos que o conheceram e souberam apreciar uma vivissima saudade.



GONÇALVES LIAS

FALLECIDO EM 28 DE JANEIRO DE 1903

ALMEIDA SANTOS, LINO & C.ª



SELLOS

Compram-se sellos antigos e modernos, novos e usados de todas as nações, pa-gam se sempre por muito maior preço que outra qualquer casa. Vende-se em pacotes todos differentes.

50 colonias portuguezas.	250
100 .	700
150 "	. 1,5400
200	. 2,3000
300	4 5200
400 » · .	8,5500
300 w w	19,5000
200 estrangeiros different	es. 300
300 * *	500
500 .	1 \$500
\$000 ·	4声300
\$200 .	7,5000
\$509 × ×	10,5000

Vendem-se albuns, catalogos e sellos desde 50 a 100 reis o franco, fazem-se re-messasta escolha, mediante abonações ou

LISBOA

Barbosa & Esteves 58 - Rua de Santo Antão - 60

ELDREDGE CASA

Chegaram a esta antiga casa 2 automoveis «Motor Dion» da força de 6 cavallos cada. Ha em deposito — Mottocycletas de 1 ½ e de 1 ½ cavallo de força. Esta ultima machina e o que presentemente melhor se fabrica. Byciclettas e accessorios des melhores auctores e systemas.

A séde provisoria é na RUA IVENS, 66 e 68

LISBOA

LOJA DO SAL

Armazem de Fazendas e Modas LISBOA - 111, 113, RUA DE D. PEDRO V, 115, 117 - LISBOA

ARTIGOS DE RETROZEIRO MODAS E ATELIER DE MODISTA Espartilhos barba direita, modelo EVA HUMBERT

Fazem-se tambem de encommenda para o que ha esparti heira para ir tomar medidas e provar a casa das freguezas.

J. CARDOSO

Pharmaceutico pela Univer idade de Coimbra. Cirurgião dentista pela Escola Madica-Cirurgica de Liaboa DA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA E DOS CAMINHOS DE FERRO

CONSULTORIO-Rua de Santo Antão, 37, 1.º

SERVIÇO PERMANENTE

Extracções, obturações, dentaduras, tratamento de doenças de bocca, etc. Garante-se todo o trabalho. - Preços rasoaveis.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE



Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras



R. do Alecrim, 411, 4.º (à P. Luiz de Camões) - LISBOA

MANUEL ANTONIO PERES

CASA FUNDADA EM 1885

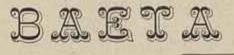
DROGARIA E OBJECTOS DE PERFUMARIA, AGUAS DE COLONIA E TOILETTE

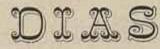
Vernizes, petroleo e productos chimicos. Tintas, drogas, pinceis Cimentos nacionaes e estrangeiros, alcool, etc.

Preços resumidos Vende se Aguas das Lombadas, Vidago, Pedras Salgadas, etc.

131, CALÇADA DO COMBRO (Vulgo Paulistas) 135 — Lisbon

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA





Artigos de novidade para brindes

Rua Augusta-LISBOA

Empreza de Carruagens Fidelidade

Proprietario - JOÃO FILIPPE DA FONSECA JUNIOR N.º TELEPHONICO 500

Aluga Coupés, Mylords, Caleches, Landaus e Clarences PARA TODOS OS SERVIÇOS

> Rua de S. Bento, 46 - LISBOA E no ESTORIL, Parque do Ex " Sr. José Vianna

Kermesse de Paris

Sant'Anna, Sa & Commandita RUA DO PRINCIPE-AVENIDA PALACE

Especialidade em brinquedos

E ARTIGOS DE MOVIDADE PARA BRIMDES

